

atlas
de **RELACÕES**
INTERNACIONAIS

N.º 32

GEOHISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspectos Geográficos Gerais 2 — Regiões Naturais 3 —
Aspectos Econômicos Gerais. 4 — Considerações Geopolíticas. 5 —
Formação da Nacionalidade e Evolução Política. 6 — Supremacia.

CADERNO ESPECIAL
REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA
ANO 36 — N.º 4

Geohistória dos Estados Unidos

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do IBGE

1 — Aspectos Geográficos Gerais

Localizado na *parte central da América do Norte*, banhado pelos oceanos Atlântico e Pacífico, o território contínuo dos Estados Unidos abrange 7.827.076 km², menor, portanto, que o do Brasil (8 513.000 km²). Estende-se por 4.500 km no sentido leste-oeste, de S. Francisco a Nova York, envolvendo 4 fusos horários; de norte para sul, estende-se por 2.500 km, da fronteira canadense até à mexicana, compreendendo 49° e 24° de latitude norte.

As suas *diferentes zonas orográficas* se dispõem no sentido dos meridianos.

— No leste estão os *Apalaches ou Alleghanies*, velhas montanhas que se alongam sobre 1.500 km com larguras de 200 a 300 km. Se essas montanhas encurralaram, no passado, os colonos ingleses na faixa atlântica, iriam, posteriormente, contribuir para a expansão industrial dos Estados Unidos; não só por serem ricas em minérios (carvão e ferro notadamente) como pelas quedas d'água (*fall lines*) que favoreceram o aproveitamento da energia elétrica.

Essas montanhas desaparecem para dar lugar a uma *planície costeira sedimentar*, que se estende da foz do rio Hudson até o golfo do México. Ao norte do cabo Hatteras essa costa plana é submersa, apresentando golfos estreitos e alongados — baías de Delaware e Chesapeake, com embocaduras de rios apalachianos como o Hudson, profundamente invadidas pelo mar. Esta característica geográfica contribuiu, tanto no passado quanto no presente, para favorecer à navegação marítima. Ao sul do cabo Hatteras, a costa é retilínea, cheia de lagunas e cordões litorâneos, envolvendo a pe-

nínsula da Flórida e uma série de recifes coralígenos (*keys*) que formam uma ponte natural em direção à ilha de Cuba. Entre os Apalaches, as montanhas Rochosas, o golfo do México e a região dos Grandes Lagos se estende a chamada *planície Central (Central Lowland)* com altitudes médias que vão dos 250 aos 300 metros. No norte essa planície, lamacenta e lodosa, desprovida de árvores, se constitui na *Grande Planície ou Pradaria*. No oeste, a *zona dos altiplanos* com 1.000 e 2.000 metros de altura, denuncia a vizinhança das Rochosas. No sul, a chamada *planície do Golfo*, do tipo aluvional, vai dos 100 metros ao nível do mar.

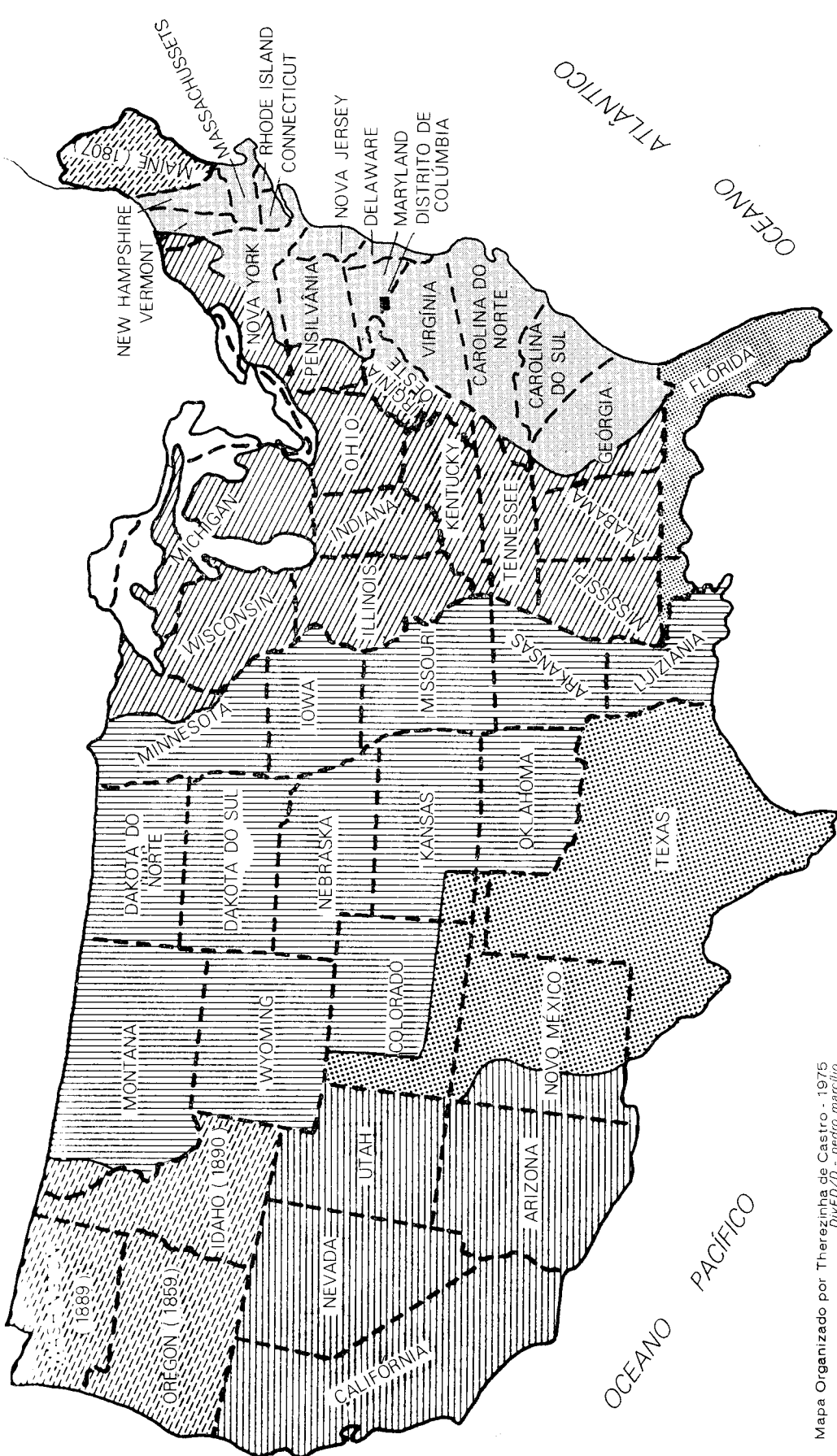
Nesta grande área encontra-se a *bacia do Mississipi* com seus afluentes apalachianos — Ohio e Tennessee, e os que fluem das Rochosas — Missouri e Arkansas.

— No oeste as montanhas e planaltos se alternam. As *Rochosas* apresentam-se na parte oriental mais antigas e estáveis e na parte ocidental mais jovem e sujeita a sismos. Além das Rochosas, o *planalto de Colúmbia*, ao norte, e o de *Colorado*, ao sul, envolvem uma grande *zona de depressão denominada Grande Bacia*. Essa região de depressão encontra-se encurralada por cadeias jovens, paralelas ao Pacífico — *montanhas da Cascata e Serra Nevada*, depressão formada pelo *Grande Vale* e em seguida a *Cadeia Costeira (Coast Range)*,

O *clima* dos Estados Unidos se apresenta também bastante variado; a *disposição do relevo* limita as influências marítimas.

— As montanhas do oeste formam verdadeira barreira, impedindo a penetração dos ventos úmidos que vêm do Pacífico, dotando a região interiorizada de *clima árido* característica notada até o meridiano de 100°. Por isso, *zonas desérticas*, com cactos e plantas espinhentas são notadas desde o Arizona até o Novo México; zonas de mato ralo, desde a Califórnia ao Colorado; e as *zonas estépicas*, do norte de Montana ao Dakota. Nesta zona de clima árido, onde a água é muitas vezes mais rara do que o petróleo, é grande a *amplitude térmica*; o *chinook*, vento que consegue ultrapassar as Rochosas, é tão quente que faz o termômetro subir em 20° para, em seguida, precipitar-se instantaneamente à neve da primavera

Já a *planície Central* se abre largamente à penetração da *massa polar* continental que vem do Canadá, recebendo ainda a *massa de ar tropical* oriunda do golfo do México. No inverno, a massa polar continental se faz



FORMAÇÃO TERRITORIAL DOS ESTADOS UNIDOS

- Núcleo Geohistórico (13 Colônias)
- Adquirido em 1783 (Inglaterra)
- Comprado em 1803 (França)
- Comprado em 1819 (Espanha)
- Anexado em 1845 (México)
- Cedido em 1848 (México)
- Adquirido em 1807, 1859, 1889, 1890 (Inglaterra)
- Limites Estaduais Atuais

Mapa Organizado por Therezinha de Castro - 1975
 Div. ED/IB - Recife marítimo.

acompanhar de ventos frios que provocam tempestades de neve que chegam a atingir a Flórida e a Luiziana, no verão é a vez da massa de ar tropical levar o seu calor escaldante e chuvas para a região

— Na zona do Atlântico, os ventos batendo nos Alleghanies tornam essa área tão chuvosa quanto a que costeia o Pacífico, as precipitações diminuem para o interior. Região também de *amplitudes térmicas*, mas em função de correntes marítimas. A *corrente fria do Labrador* dota a costa setentrional de rigoroso inverno, a *corrente quente do Golfo* dá ao sudeste do país características de clima tropical. Esse clima que vai propiciar a formação da floresta apalachiana, dotará também de características florestais a zona litorânea do Pacífico

2 — Regiões Naturais

A ocupação humana se efetuou de leste para oeste, como no Brasil. Enquanto o oeste se constituiu na região mais vasta e mais jovem dos Estados Unidos, o leste se constituiu no seu núcleo geohistórico, ou seja, onde se forjou o ímpeto criador da nação estadunidense. Assim, os aspectos físicos, a ocupação humana e econômica, conseguiram individualizar 4 regiões naturais nos Estados Unidos

— Na região do Oeste podemos distinguir as sub-regiões formadas pela zona dos vales e costa do Pacífico e a zona das montanhas e desertos

A zona dos vales e costa do Pacífico envolve uma faixa costeira com cerca de 320 km de largura a oeste das montanhas Rochosas. A paisagem é a de uma zona montanhosa entrecortada por vales. Os ventos do oeste provocam nessas planícies costeiras *boa distribuição de chuvas*, daí a franja verdejante que aí se alonga por cerca de 2 000 km ao longo do Pacífico. O clima fresco e úmido é mais acolhedor no litoral norte onde se estabeleceram *indústrias madeireiras*, de modo geral dedicadas à pasta para a fabricação de papel. Vê-se aí, também, culturas de *árvores frutíferas* (peras, pêssegos, ameixas etc.) e a intensa *pesca do salomão*, que sobe os rios locais para a procriação, alimentando a indústria de enlatados

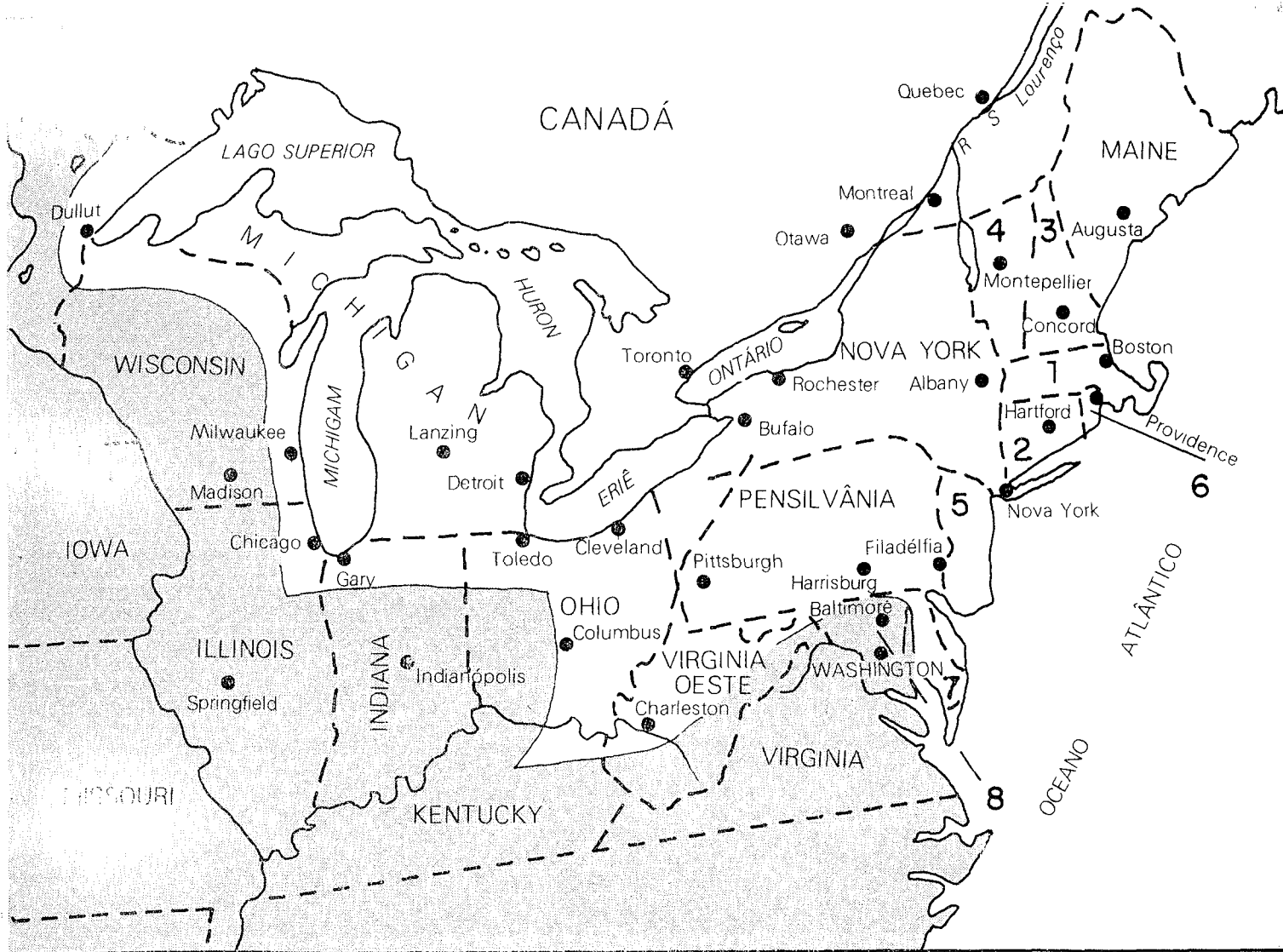
As barragens feitas no rio Colúmbia forneceram energia elétrica para que indústrias se estabelecessem em *Hamford, Portland, Seattle e Tacoma*

O sul desta região natural que já envolve a Califórnia é *menos chuvoso*, dedica-se à *cultura da vinha, frutos cítricos e legumes*. A *exploração do petró-*

leo ocupa o 2º lugar depois do Texas. Quanto à sua população, cerca de 80% é urbana; suas principais cidades são *Los Angeles* que detém poderoso complexo industrial envolvendo *Fontana, Pasadena, Hollywood, Sta Mônica e Long Beach*; mais ao norte, tem-se *S. Francisco*, o melhor porto natural da região e terminal de várias linhas transcontinentais, porta de saída para o Pacífico, e que engloba em sua área de influência as cidades de *Oakland e Berkeley*.

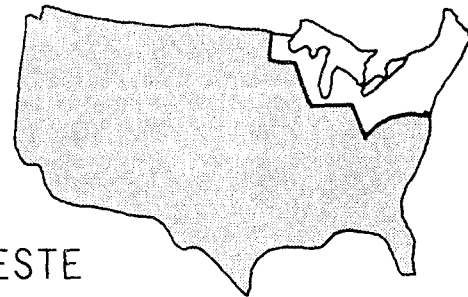
Além dessa planície litorânea do Pacífico, mais interiores e mais altas, surge uma zona montanhosa formada pelas *serras Nevada e Cascata*. A cordilheira da Cascata, que no norte penetra em território canadense, estende-se pelos Estados de Washington e Oregon numa linha longitudinal de 750 km; de formação vulcânica, apresenta no *monte Rainier* (4 370 metros), que os índios chamavam de *Tacoma*, o seu ponto mais alto. De aspecto ainda mais grandioso, a serra Nevada possui o pico culminante do País — o *monte Whitney* (4 541 metros), este relevo, à medida que vai se aproximando do sul, desce suavemente para desaparecer na planície da Califórnia. Estas duas serras se unem à *cadeia Costeira* através dos *montes Klamath*, espécie de barra de um grande "H", separando *dois vales interiores*: o *vale Sul*, também chamado *Central* é percorrido pelos rios *Sacramento e S Joaquin* que desembocam na baía de S Francisco, o *vale Norte* é cortado pelo *rio Willamette*, afluente do Colúmbia, que se constitui na maior artéria fluvial da vertente do pacífico. O curso sinuoso do Colúmbia forma lagos ao se expandir, e *canyons* ao atravessar altas muralhas, interrompido, com frequência, por rápidos e cascatas, mesmo assim, dos 1 400 km de seu curso pertencentes aos Estados Unidos, é navegável em cerca de 1 200 km. O *Willamette*, para não ser invadido pelas águas oceânicas, conta com cinco barragens que fornecem energia elétrica para a região. O rio Sacramento (620 km) é navegado por embarcações de grande porte a partir da cidade de Sacramento, a 75 km de sua foz, na baía de S Francisco, nessa grande baía deságua também o *S Joaquin* (565 km) com suas três grandes represas e estações de bombeamento para a zona de pomicultura

A chamada *região das montanhas e desertos* é dominada, de norte a sul, pelas *Rochosas*, altas e acantiladas, com picos que ultrapassam a cota dos 4 000 metros, entre os quais se destaca o *Pikes Peak* (4 307 metros). Compõem ainda a paisagem, planaltos escalonados que descem para o oeste. Região de



REGIÃO DO NORDESTE

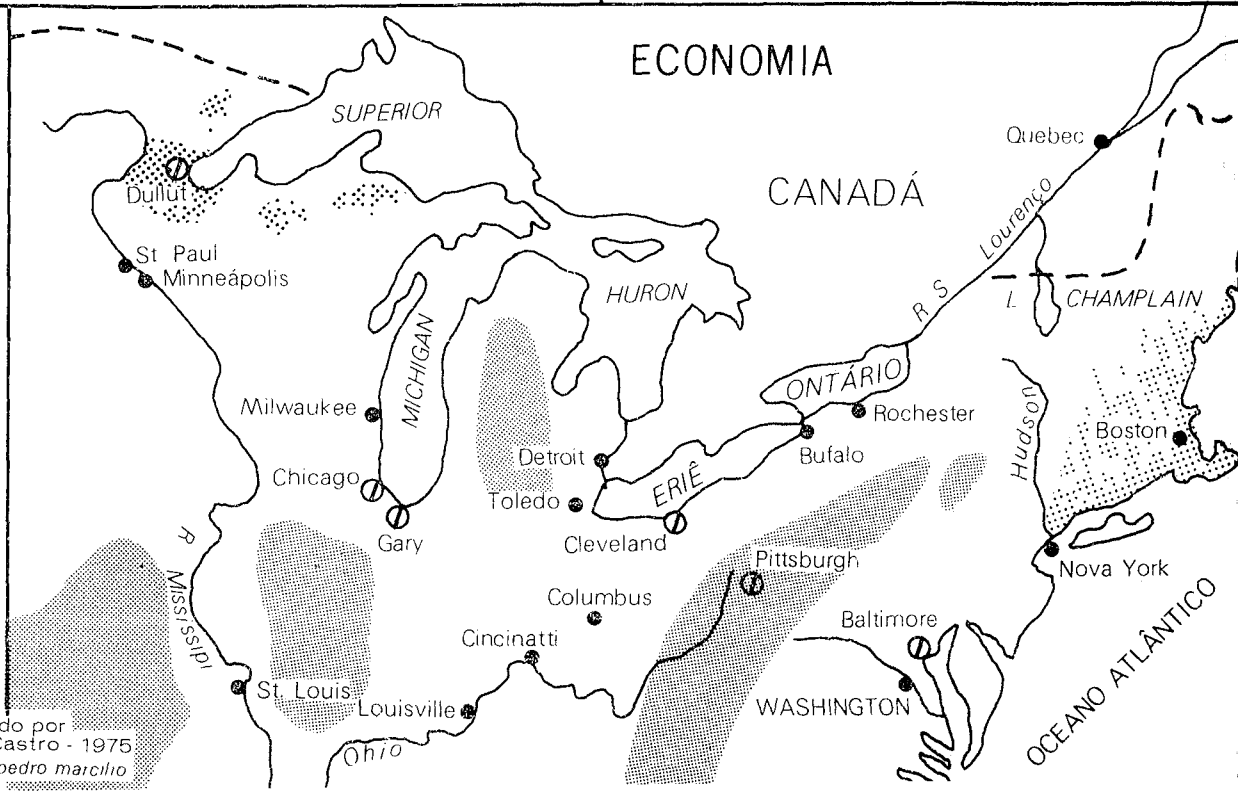
- | | | | |
|---|---------------|---|-------------|
| 1 | Massachusetts | 4 | Vermont |
| 6 | Rhode Island | 2 | Connecticut |
| 3 | New Hampshire | 5 | Nova Jersey |
| | Delaware | 8 | Maryland |



NORDESTE

- Indústria Têxtil
- Siderurgia
- Ocorrência de Ferro
- Região Hulhifera

ECONOMIA



grandes precipitações, forma várias *bacias fechadas*, onde o governo estabeleceu parques nacionais em 29 áreas diferentes; entre esses, têm destaque o do *Yellowstone*, o *Rocky Mountain*, o *Mesa Verde* e o do *Gran Canyon*. Vários *lagos de origem vulcânica* pontilham essa região entre os quais o *Crater Lake* e o *Salt Lake*.

Nas regiões mais deprimidas, sobretudo à medida que caminhamos para o sul, onde se encontram os Estados do Arizona e Novo México, o *clima vai se tornando bastante seco*. Nessa região desértica, que se estende desde Salt Lake City no Estado de Utah, até Reno em Nevada, os rios e lagos apresentam-se secos durante a maior parte do ano; o sol é abrasador e a temperatura vai dos 46 a 48°; a chuva só cai nessa região durante duas semanas. Essa região desértica se caracteriza, sobretudo, no chamado *Vale da Morte*, integrando uma área de 225 km² a 85 metros abaixo do nível do mar. A desolação é atenuada com o aparecimento do *rio Colorado* e seu afluente *Gila*.

O Colorado vem das montanhas Rochosas, correndo por um leito profundo, formando, a partir de Newberry, o seu famoso *canyon*; tem 2 900 km de curso e durante o degelo transbordava inundando a região, daí ter sido construída a barragem de Hoover para evitar as calamidades e fornecer energia elétrica.

Outro oásis nesta região desértica é devido ao *rio Grande del Norte* com seus 2 800 km de curso, formando, a partir de El Paso, a fronteira entre os Estados Unidos e México; de regime irregular, fica seco em algumas de suas seções, mas transborda na época da primavera.

Por suas características climáticas, esta área dos Estados Unidos dedica-se à plantação de *frutos cítricos* e, em especial, da laranja. Além de ser um centro de veraneio para todo o Texas, *Brownsville* comanda hoje uma das mais prósperas áreas agrícolas dessa região, rica também em *petróleo e gás natural*. Como esta região deve o seu povoamento a garimpagem do ouro, no passado, destaca-se hoje o *cobre* que movimenta a cidade de *Brigham* no Estado de Utah.

Refletindo ainda as características climáticas, esta região dos Estados Unidos é a de *menor densidade demográfica do país* *Los Angeles*, seguida por *San Diego* no litoral são os centros mais movimentados. Tem interesse particular para nós brasileiros a cidade de *Albuquerque*, fundada pelos espanhóis em 1706, e que hoje conta com

grande número de imigrantes portugueses.

— Em continuação a essa região alta e a desértica, surge a *região das Grandes Planícies*. O calor aí é muito forte, seguido de inverno devastador; a área carece, às vezes, de chuvas por 2 ou 3 anos e o vento sopra sem cessar. Foi ocupada por grande quantidade de *búfalos nativos* que forneciam tudo para a sobrevivência do tipo humano representado pelo *cowboy*.

Como toda *zona de criação extensiva*, foi povoada através de *feiras de gado* como *Dodge City*, por exemplo. Pela mesma razão, as cidades desta região são em geral pequenas e afastadas uma das outras, comandadas pela mais nova de todas que é *Denver*, centro manufatureiro que vive sobretudo da indústria da carne.

Ao lado da criação de gado, as imensas planícies são ocupadas também com *plantações de trigo*, sem contar com suas *reservas petrolíferas* ainda por explorar.

Na chamada *região da Bacia Central* já se entrosam o campo e a cidade. Os *rios Mississipi-Missouri* e os glaciares que depositaram aí rica camada de *húmus*, tornaram esse solo fértil para que nele se estabelecesse o "*cinturão de milho*" do país. Cerca de 3/4 partes da produção de milho são destinadas à alimentação de bovinos, suínos, cavalos de raça e aves que são criadas na região.

Neste vale central destaca-se o rio Mississipi que, em dialeto indígena, significa "pai das águas"; este, juntamente com o Missouri, constituem a 4^a bacia fluvial do mundo (3 250 000 km²), só ultrapassada pela do Amazonas, Congo e Obi. Possui o Mississipi 5 090 km de curso e o seu afluente Missouri 6 730 km; este, embora de maior extensão, apresenta menor caudal (2 600 m³/segundo) enquanto o caudal médio do Mississipi é de 3 500 m³/segundo. Nasce o Mississipi na região lacustre e florestal do norte do Estado de Minnesota em arroios de origem glacial que fluem para o *lago Itasca*, a 525 m de altura. Banha inicialmente uma região úmida, quase pantanosa, atravessando uma série de lagos para descer através de rápidos e cascatas. Quando sua corrente se torna mais lenta, em função do pouco declive do solo, recebe o Missouri, ficando suas águas barrentas em função da grande quantidade de aluviões que lhe traz o afluente. Torna-se o Mississipi ainda mais volumoso ao receber as águas do *Ohio* e em seguida as do *Arkansas*. Junto com seus afluentes somam a bacia do Mississipi uma rede navegável de 40 000 km.

O Missouri, que nasce nas montanhas Rochosas, antes de atingir a região da Bacia Central corre por uma zona sujeita a longas estiagens seguidas por chuvas torrenciais. Tendo em vista a grande quantidade de terra por ele arrastada, é definido como um curso d'água "demasiado ralo para cultivar e demasiado grosso para beber". Suas cheias causam destruições, e as enormes barragens, reservatórios e diques nele construídos ainda não foram suficientes para domá-lo. As principais cidades da região se encontram na área do grande triângulo formado pelo Ohio-Mississippi, estreitamente vinculadas ao nordeste industrial, a excessão de *Kansas City*, nas margens do Missouri. Os núcleos mais populosos do grande triângulo são: *St. Louis*, *Minneapolis*, *St. Paul*, *Cincinnati* e *Indianápolis*, todas com mais de 1 milhão de habitantes.

— A planície Central que vem desde a região dos Grandes Lagos até o golfo do México apresenta-se com altitudes médias de 300 metros que descem rapidamente a partir da confluência do Ohio-Mississippi, fazendo com que *Mênfis* esteja só a 56 metros acima do nível do mar. Entramos, pois, na região do Sudeste, onde a costa do golfo do México apresenta a forma de um anfiteatro com vistas para o mar das Antilhas. Nesse semicírculo litorâneo, duas cidades se destacam. *Nova Orleans*, a "porta de entrada do sul", situada na margem esquerda do Mississippi, a 165 km de sua foz, é o centro do comércio exterior na região do golfo, especialmente no tráfego marítimo com a América Latina. Sua rival, a cidade de *Houston*, apesar de compartilhar com a riqueza algodoeira da região, domina área rica em petróleo e gás natural do Texas.

Nesta área, o *Tennessee* (1 300 km), que também faz parte da bacia do Mississippi, além de demasiado razo para a navegação, destruiu a região que deveria favorecer; graças ao TVA (*Tennessee Valley Authority*), 30 barragens passaram a regularizar as águas desse rio e seus afluentes, transformando a região numa sucessão de lagos extensos, promovendo o desenvolvimento econômico de área que compreende parte de 7 estados do país.

Essa zona de planície da região Sudeste é entrecortada por ondulações que começam nos montes *Ozark* (715 metros) e culminam nos montes *Apalaches* ou *Alleghanyes*. A cadeia dos Apalaches corre paralela à costa atlântica por cerca de 1 600 km; seu ponto culminante se encontra no monte *Mitchell* (2.039 metros), embora a cadeia

apresente altitudes médias que vão dos 800 aos 1.000 metros. Além dos Apalaches, todo o espaço que se estende até o Atlântico se constitui numa planície de terrenos de aluvião. Como toda a região litorânea do golfo do México, a península da Flórida, cujas costas se desenvolvem por 1.850 km, é também bastante pantanosa, sobretudo ao sul; destaca-se aí a cidade de *Miami*, porto de cabotagem, luxuosa estação balneária e centro de indústrias alimentícias.

A região do Sudeste é, pois, variada em paisagem, com montanhas que dotam as zonas mais planas de chuvas abundantes, e que fornecem recursos minerais (ferro, alumínio e carvão), como também energia hidráulica. As planícies sedimentares ricas em petróleo e gás natural são aproveitadas para a agricultura, nas quais embora ainda predomine o algodão, produz em zonas mais pobres outros tipos de culturas e pastagens. Zona que outrora carecia de grandes centros urbanos, hoje se industrializa proporcionando o aparecimento de cidades como *Dallas*, *San Antônio* e *Birmingham*; nesta região encontra-se *Washington*, a capital do país. Banhada pelo rio Potomac, *Washington* é cidade artificial traçada em 1791 pelo arquiteto francês Pierre Charles L'Enfant, na qual se nota a influência geométrica racionalista de Versalhes; em seus edifícios públicos predomina o estilo neoclássico, tanto no Capitólio como na própria Casa Branca, residência presidencial.

Quando as 13 colônias, ao proclamarem a independência, se transformaram nos Estados Unidos, defrontaram-se com o grande problema da instalação da capital. As colônias sulistas, vivendo no sistema agrícola latifundiário, quase não possuíam importantes centros urbanos. Já no Norte estavam os principais núcleos urbanos representados por Boston, Nova York e Filadélfia. Essas três cidades foram sucessivamente propostas para capital do país: Boston, porque disparou o 1º tiro em favor da independência; Filadélfia, porque teve a honra de ver a proclamação desta independência; mas foi em Nova York que a independência foi conquistada. Se qualquer dessas três cidades nortistas fosse a escolhida para comandar a nação, iria atrair o descontentamento do sul, e com isso estaria em jogo a própria sobrevivência da União. Adveio daí a necessidade da escolha de um novo sítio onde, artificialmente, nasceria *Washington*. Assim, a capital artificial dos Estados Unidos, por questões político-sociais, representada pela rivalidade entre o Norte e o Sul, foi construída na linha demarcatória entre a zona escravagista meri-

dional e a de trabalho livre setentrional.

Além do rio *Hudson*, para o norte, continua a região montanhosa dos Apalaches, esse rio é virtualmente o limite sul de uma outra região natural dos Estados Unidos — o *Nordeste*, banhado pelo Atlântico e limitado pelos Grandes Lagos. Essa grande massa d'água doce, localizada entre os Estados Unidos e o Canadá, cuja superfície é constituída pelos lagos *Superior*, *Huron*, *Michigan*, *Erié* e *Ontário*, abrange cerca de 243 386 km², equivalendo, mais ou menos, à área do nosso Estado de São Paulo (247.222 km²).

O Nordeste no presente nada mais é do que no passado, representou a *Nova Inglaterra*, local onde teve início a colonização inglesa na América do Norte. Nessa área, a fisionomia rural do passado transformou-se com o advento da indústria do País; por isso vive aí cerca da metade da população dos Estados Unidos. De suas onze cidades mais populosas, com mais de 1 milhão de habitantes, quatro delas se constituem em grandes portos importadores e exportadores do País: *Nova York*, *Filadélfia*, *Boston* e *Baltimore*. Como a região é rica em carvão e minério de ferro, *Pittsburgh* transformou-se no principal centro industrial siderúrgico, desenvolvendo outros centros entre os quais *Chicago*, *Detroit* e *Cleveland*.

3 — Aspectos Econômicos Gerais

Pela variedade de solos, muitos dos quais impraticáveis para a agricultura, esta só ocupa 24% do território estadunidense, caracterizando-se pelo bom aproveitamento, graças à exploração científica e mecanização. Levando-se em conta a variedade climática do país, desde as temperaturas frias até a subtropical, seu setor agrícola é diversificado, colocando os Estados Unidos em posição de destaque no ramo. Quase a metade de seu solo cultivado se destina à produção de cereais, entre os quais predominam o milho para uso interno, e o trigo destinado às exportações. O algodão representa 40% da produção mundial, seguindo-lhe o tabaco e a cana-de-açúcar. A fruticultura adquiriu grande desenvolvimento, sobretudo na Califórnia e península da Flórida.

É de grande importância para o país a pecuária, que é intensiva nos Estados do Centro e Leste, e extensiva nas pradarias do Oeste.

No setor pesqueiro, ocupam o 1.º lugar no mundo com 23% do total,

predomina a pesca marítima que, das águas territoriais, se estende para os bancos da Terra Nova e Alaska.

No setor madeireiro, também se destaca, pois seus bosques cobrem 32% do total territorial, sendo particularmente extensos nas vertentes setentrionais do Pacífico.

A base da prosperidade industrial se prendeu sobretudo à sua riqueza mineral, bem como aos três elementos básicos que possui na produção de força: carvão, petróleo e energia hidroelétrica.

A jazida carbonífera mais importante situa-se na vertente interna do sistema Apalachiano; desde a Pensilvânia até o Alabama se extrai a metade da produção total do país. As ocorrências carboníferas se estendem ainda entre o médio Mississipi e baixo Ohio, sendo de linhito puro as minas das montanhas Rochosas.

As mais produtivas zonas petrolíferas do país encontram-se no Texas, Califórnia e Luiziana, sendo que na primeira acham-se associadas ao gás natural.

A grande zona ferrífera dos Estados Unidos está nas imediações do lago Superior, sendo que no Alabama a coincidência do ferro e carvão propiciaram o maior desenvolvimento da siderurgia.

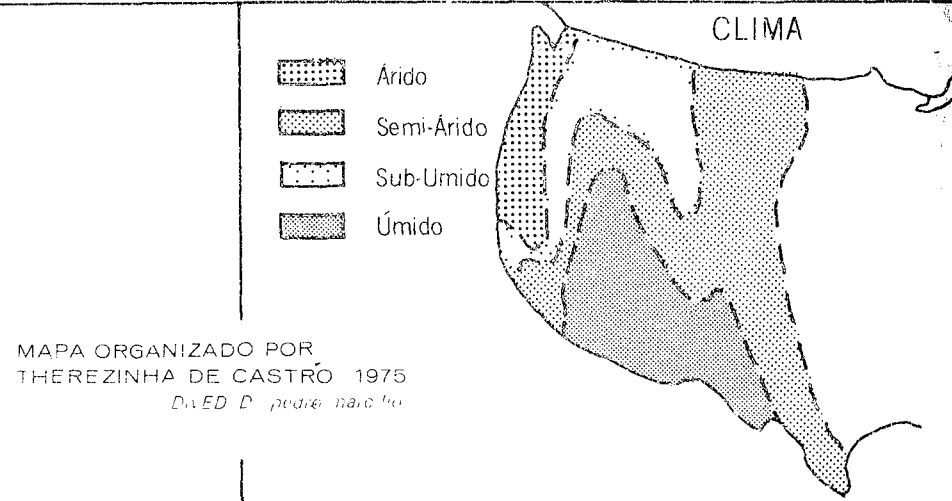
O cobre procede da região montanhosa do Oeste (Arizona, Utah, Novo México, Montana e Nevada), em Montana se encontram as minas de *Anaconda*, e na vizinha cidade de *Butte*, as maiores fundições do mundo.

Leadville é a cidade do chumbo, mineral também encontrado no Utah, Idaho e Missouri. Em *Joplin*, no Missouri, junto com o chumbo ocorrem as jazidas de zinco, também obtido no Illinois e Kansas. Como primeiros produtores de alumínio do mundo, necessitam os Estados Unidos importar grande quantidade de bauxita, já que suas fontes no Arkansas, Geórgia e Alabama são insuficientes.

É importante a produção de magnésita (quarta parte da produção mundial) e do molibdeno (90% da produção total), que vem das minas de *Climax* no Colorado. A produção de enxofre (quarta parte da produção mundial) procede do Texas e Luiziana, extraído-se o fosfato da Flórida.

Carecendo, no entanto, de estanho, manganês, níquel e urânio, os Estados Unidos importam esses produtos do Canadá, Zaire e Brasil.

O setor industrial envolve os mais variados ramos, sendo que a região estadunidense dos Grandes Lagos supera na atividade qualquer outra região do mundo em produção.



MAPA ORGANIZADO POR
THEREZINHA DE CASTRO 1975
D. I. E. D. e. p. d. n. a. c. b. e.

No *setor siderúrgico* ocupam os Estados Unidos o 1.º lugar no mundo. A *indústria mecanizada* concentra-se em Chicago (máquinas agrícolas), Filadélfia (material ferroviário) e Detroit (automóveis). As *construções navais* se distribuem pelos estaleiros do Atlântico (Nova York, Baltimore, Boston e Filadélfia) e do Pacífico (S. Francisco, Oakland e San Pedro).

A *indústria química* está concentrada perto das fontes de ácido sulfúrico da Luiziana, e a petroquímica, no Texas. A *indústria alimentícia* é até desproporcional, se comparada com a de outros países; essa ocorrência elevou a população do País a concentrar seu padrão alimentar nos produtos enlatados.

A *indústria têxtil* difundiu-se por toda a vertente atlântica, desde o Maine até o Alabama; dedica-se ainda o país, nos últimos anos, também a *indústria de tecidos artificiais* com base no *rayon* e *nylon*.

A *facilidade nas comunicações* se constitui, sem dúvida, no fator primordial de todo esse desenvolvimento econômico experimentado pelos Estados Unidos. No século XIX, desenvolveram-se as *ferrovias* e *aquavias*; no século atual, as *rodovias* e *aerovias*. A primeira ferrovia transcontinental, a "*Central Pacific*", ligou Nova York no Atlântico a S. Francisco, no Pacífico; hoje, embora mais difundidas, ligando o Norte ao Sul e o Leste ao Oeste, têm em Chicago o maior nó ferroviário do país, de onde partem cerca de 38 diferentes linhas. Lutam, hoje, as ferrovias, na defensiva, fundindo-se, completando-se entre si, ou cedendo mesmo lugar às rodovias transcontinentais. As rodovias cortam o país em todas as direções, sendo de grande importância a *US-6* que une o Atlântico (Nova Inglaterra) ao Pacífico (Califórnia), a *US-40* quase paralela à rota que seguiram os colonos em sua penetração para o Oeste; e sobretudo a *Pan-Americana* que cruza o território americano de norte a sul, penetrando no México por Laredo e no Canadá até Edmonton, onde se enlaça com o Alaska.

São de suma importância as *vias internas navegáveis*. É magnífico o sistema que comunica os Grandes Lagos com o Atlântico, através do S. Lourenço, e para o golfo do México, através do Ohio-Mississippi. No conjunto, a navegação interna se enquadra dentro de três sistemas: o dos *Grandes Lagos*, envolvendo o S. Lourenço e o Hudson, unido por um canal ao lago Eriê, o dos *rios pertencentes à vertente do Atlântico*, dentre os quais se destacam o Hudson, o Delaware e o Potomac; e o da *bacia do Mississippi*

que já teve maior importância antes do estabelecimento das ferrovias. Os canais que unem os Grandes Lagos dão a essa região uma atividade maior que a registrada no próprio canal de Suez.

No *setor marítimo* avulta a importância geopolítica dos Estados Unidos, potência continental, com costas nos dois grandes oceanos — o Atlântico e o Pacífico. Devendo-se ressaltar que o empório marítimo estadunidense encontra-se em Nova York, para onde converge a quarta parte do tráfico total do país.

4 — Considerações Geopolíticas

Com seu grande potencial humano, calculado pelo Censo de 1970, em . . . 203 211.926 habitantes, e econômico, os Estados Unidos deram o seu passo decisivo na *orientação de sua política exterior* após a Primeira Guerra Mundial (1918). Sua entrada nesse conflito não só precipitou a derrota dos Impérios Centrais Europeus como mostrou também às Potências Ocidentais do Velho Mundo que, na eventualidade de dissensões posteriores (Segunda Guerra Mundial), só a ajuda dos Estados Unidos poderia salvá-los de um desastre. No entanto, a Liga das Nações não contou com a presença dos Estados Unidos, que ainda se mantinham mais com tendências americanas do que propriamente mundiais

Mantiveram-se, assim, os Estados Unidos, na sua chamada *estratégia periférica*, até dar, após a Segunda Guerra Mundial, o seu grande passo na política internacional, para *contrabalançar a influência russa*. A partir de então os dois países passaram a se *defrontar em zonas de choque* que se sucedem de Leste para Oeste com maior ou menor frequência. Nessa chamada "*Guerra Fria*", montaram os Estados Unidos a sua estratégia no Pacífico, Atlântico-Norte e Ártico; além de potência continental, viram-se obrigados a se transformar numa potência marítima, corroborando com a tese de Ratzel de que "continentes e oceanos constituem um jogo no plano político mundial, solidamente urdido".

5 — Formação da Nacionalidade e Evolução Política

Quando os espanhóis, sob o comando de Hernán Cortez, conquistaram o México, enviaram uma *expedição sob*

o comando de De Soto que, explorando o Mississipi em sua foz e não encontrando ouro, deixaram esta parte do golfo do México abandonada. Na mesma época, os franceses de Jacques Cartier (1534-36), penetravam pelo rio S. Lourenço, dando o nome de Nova França à região e tomando-lhe posse em nome de Francisco I. Embora tenham se antecipado aos ingleses nesta costa atlântica da América do Norte, os franceses só iriam colonizá-la, na realidade, em 1608, quando Samuel Champlain fundou Quebec. Nesse mesmo ano de 1608, porém, os ingleses também iniciavam o seu processo de colonização fundando Jamestown, enquanto os espanhóis se estabeleciam em Santa Fé, no atual Estado do Novo México.

Eram, pois, três nações — a França, a Inglaterra e a Espanha que avançavam simultaneamente na exploração da América do Norte em pleno século XVII. Mais tarde, a França e Espanha seriam eliminadas de grande parte da América do Norte pelos ingleses, e esta área do continente passaria a ser a América Anglo-Saxônica.

Sob o ponto de vista geopolítico, as dificuldades dos ingleses seriam bem maiores com relação a seus rivais franceses. Estes haviam ocupado as duas portas de entrada no continente o S. Lourenço e o Mississipi, a França formava, assim, um império na América do Norte em forma de um crescente que ia de Quebec ao norte, até Nova Orleans ao sul. Essa posição francesa iria pois, de início, conter os ingleses numa estreita faixa de terra entre o Atlântico e os montes Apalaches. Coincidentemente, a linha de Tordezilhas continha, na América do Sul, os portugueses, numa estreita faixa de terra que margeava o Atlântico.

Na América do Norte, conquistando mais vasto território que os ingleses, os franceses não puderam ocupar efetivamente toda a área, passando os colonos a viverem num penoso isolamento. Isto porque a sua primeira porta de entrada, o S. Lourenço, ficava bloqueada pelos gelos cerca de 140 dias, e não era fácil subir pela outra porta, a do Mississipi, contrariando-lhe as forças das águas. Já os navios ingleses podiam atingir a sua costa atlântica em apenas 5 semanas, mas, encurralados nessa mesma costa atlântica e não tendo muito para onde se expandir, puderam se lançar a empresa de colonizar e se comunicar com a metrópole. Na América do Sul ocorria fenômeno semelhante. Conquistando mais vasto território que os portugueses, os espanhóis não puderam ocupá-lo todo efetivamente, deixando

seus colonos num penoso isolamento; isto porque suas terras banhadas pelo Pacífico tinham que ter como porta de saída para a metrópole o istmo da América Central, para onde eram levados os tesouros em lombo de burros, através de longas distâncias. Já os navios portugueses podiam atingir a sua costa atlântica com mais facilidade e os produtos iam diretamente das fontes produtoras aos centros consumidores da metrópole. Do mesmo modo que os ingleses, os portugueses ficaram encurralados na costa atlântica e, não tendo muito para onde se expandir, puderam se lançar a empresa de colonizar e se comunicar com a metrópole.

Vemos pois, que o processo de ocupação colonial entre os Estados Unidos e o Brasil apresenta semelhanças; em ambos a colonização precedeu à conquista do hinterland. No entanto, de modo geral, a conquista do território brasileiro foi feita legal e pacificamente pelas Bandeiras, incentivadas pelos reis Felipes, quando da união das Monarquias Ibéricas; nos Estados Unidos foi feita por meio de guerras com a França, Espanha e, posteriormente, com o México.

Durante o processo de independência, conseguiram o Brasil e Estados Unidos se transformar em potências continentais, mantendo seus territórios unidos; a América Espanhola se esfacelou em várias repúblicas e o Canadá mantém ainda hoje o estigma do dualismo anglo-francês.

Por outro lado, enquanto no Brasil a colonização portuguesa se manteve dentro do significado nacional-católico, impedindo a metrópole que rebeldes ou herejes para cá viessem, nos Estados Unidos a colonização inglesa se manteve dentro do significado da auto-suficiência e forte individualismo, já que a emigração proveniente da Inglaterra e também de outros países (Holanda, Alemanha, Irlanda e até da França) não era patrocinada pelo governo, e sim por grupos particulares encabeçados inicialmente pelas Companhias de Comércio de Plymouth e Londres. Assim sendo, os imigrantes que demandavam aos Estados Unidos eram rebeldes políticos ou religiosos.

Enquanto Portugal lutou sempre com a falta do elemento humano, já que era país de população escassa, a Inglaterra, ao contrário, pôde enviar grandes contingentes populacionais excedentes, que na mãe-pátria lutavam com dificuldades econômicas. Isto porque, no tempo de Henrique VIII, implantava-se a reforma na Inglaterra (1534), este monarca, para proteger os anglicanos, lhes ofertara as terras ocupadas pelos católicos; essas ter-

ras, antes dedicadas à agricultura, transformaram-se em pastoris, pois notou-se que era mais rendoso vender a lã do carneiro para ser industrializada na Holanda. Exigindo a economia pastoril menos mão-de-obra, grande número de camponeses teve que se abrigar nas cidades inglesas. Com excedente de mão-de-obra, essas cidades passaram a aproveitar, em parte, esses agricultores, numa incipiente manufatura; nelas, mesmo os que se tornaram artesãos habilidosos, só conseguiram ganhar o suficiente para não morrerem de fome. Assim, muitos deles, ao lado de outros desempregados, partiram para a América em busca de dias melhores.

Engrossando esse *contingente de mão-de-obra excedente*, partiam também os *perseguidos por seus credos religiosos*, em especial os puritanos ingleses e escoceses, os católicos alemães e irlandeses, bem como os huguenotes franceses. Partiam ainda os *perseguidos políticos*: os irlandeses que não se conformavam com a anexação de sua ilha à Inglaterra, no tempo de Elizabeth I; e os próprios ingleses, no tempo de Cromwell (1649), que assumiu o poder valendo-se das lutas partidárias entre realistas e parlamentaristas.

Os colonos ingleses propriamente ditos representavam, talvez, uns 10% do total que emigrou para a América; no entanto, prevaleceria no processo colonizador dos Estados Unidos a *língua e costumes ingleses*, muito embora as leis da mãe-pátria fossem sendo modificadas em função do *significado rebelde que tinha o povoamento*.

Ao longo do meio século, com o estabelecimento desses *diferentes grupos de colonizadores*, foram surgindo as *13 colônias inglesas na América do Norte*, que se constituíram no *núcleo geohistórico dos Estados Unidos*; aí esses povos entraram em contacto e deram origem ao ímpeto criador da cultura estadunidense.

Pela *diferença no povoamento e na própria geografia*, essas 13 colônias agruparam-se em três núcleos:

— As *Colônias do Norte eram quatro*, reunidas sob o nome de *Nova Inglaterra* (Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island e Connecticut). No conjunto, abrangiam uma área pequena; assim, seu povo instalou-se em *minifúndios*. Por sua excelente posição na baía de Massachusetts, *Boston* prosperou no setor comercial, passando a ser um dos mais movimentados portos do continente.

O elemento humano predominante pertencia à seita dos *perseguidos puritanos*; embora a *Igreja e o Estado*

fossem, em teoria, separados, na prática eram uncos, já que todas as instituições estavam subordinadas à religião. As próprias escolas de *Harvard e Yale*, hoje duas importantes universidades do país, surgiram para a formação de ministros de Deus. Pela perseguição política e religiosa que sofreram, esses colonos *discutiam abertamente as teorias dos filósofos franceses*, e faziam circular *vários jornais* para politizar seu povo.

Economicamente, viviam do *comércio*, exportando madeiras ou peixes salgados que iam pescar nos bancos férteis da Terra Nova, destacando-se também a pesca da baleia que caçavam nas águas tépidas do Nordeste brasileiro. Não descuidaram de sua *indústria*, sobretudo a naval, pela fatura de madeira que os bosques lhes ofereciam, possuindo ainda serrarias e fabricando o rum, com o melado importado das Antilhas.

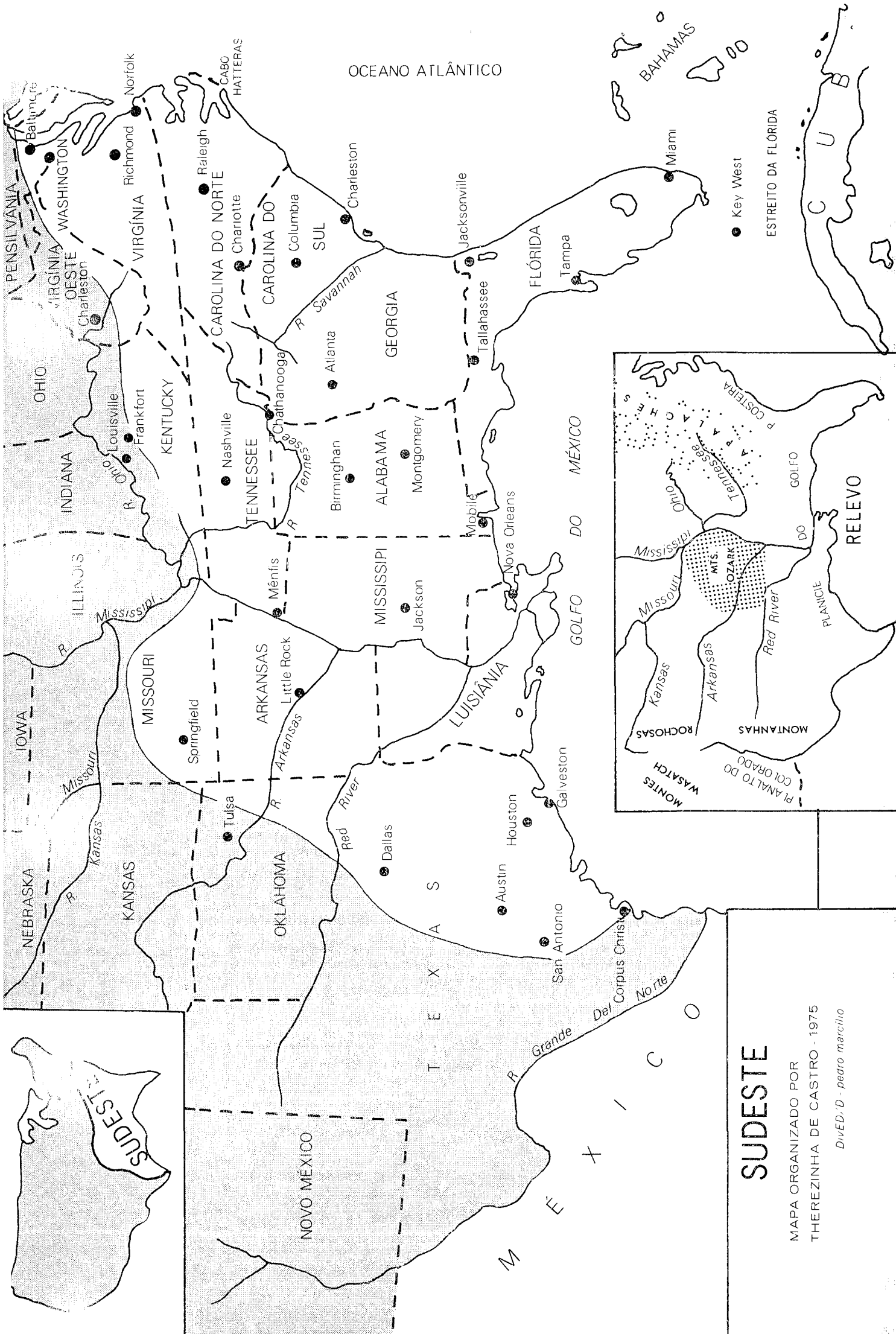
— As *Colônias do Sul* eram cinco (Virgínia, Maryland, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia), coincidentemente, todas com nomes femininos. No conjunto *abrangiam área bem maior que a das Colônias do Norte*, permitindo que seus colonos se instalassem em *latifúndios*, e se tornassem *mais rurais que urbanos*.

Exportavam seus *produtos agrícolas*, sem demonstrarem grande interesse em industrializá-los, tendo em *Charleston* o seu porto principal. Não se ligaram, porém, à monocultura, já que plantavam além do *algodão*, o *arroz, anil, fumo e trigo*.

O elemento humano predominante foi a princípio o *católico*, ao qual vieram se juntar, posteriormente, os *anglicanos*; pertencentes à *aristocracia inglesa*. Precisando de mais mão-de-obra do que as colônias do Norte, introduziram nas grandes fazendas o *negro escravo*; valendo-se do trabalho servil, passaram a ter *vida mais ociosa e confortável* que os elementos do Norte.

Os *senhores rurais* enriquecendo mais facilmente, passaram a dominar o *poder político*, em detrimento dos mais pobres e da classe escrava. Os comerciantes não tiveram grandes oportunidades para formar uma classe média, já que as transações eram feitas diretamente com Londres pelos plantadores.

O *habitat* disperso não facilitou o estabelecimento de escolas comunais, como as que subsistiam nas mais compactas colônias do Norte. Assim, a *cultura* tornou-se privilégio dos ricos, que contratavam professores particulares para seus filhos, ou os enviaram para escolas na Inglaterra.



SUDESTE

MAPA ORGANIZADO POR
 THEREZINHA DE CASTRO - 1975
 DivED/D - pedro marçilio

— Consistiam em quatro as *Colônias do Centro* (Pensilvânia, Nova York, Nova Jersey e Delaware). No conjunto *abrangiam, em área, o meio termo* entre o pequeno espaço do Norte e as grandes extensões do Sul.

O *setor econômico* refletia o *populacional*. Para esta região emigraram *populações de nacionalidades diversas* (ingleses, holandeses, alemães, suecos, franceses, italianos, escoceses, irlandeses, portugueses etc.); essas populações representavam *diferentes credos, profissões e falavam línguas diversas*. Em meio a esta variedade havia *lavradores, criadores, artesãos e comerciantes*. Nova York e Filadélfia, principais cidades da região, eram, assim, centros políglotas e cosmopolitas.

Nesse meio variado, de grupos ocupados em seu progresso material, deu-se *menor atenção ao fator cultural*; por isso, só em fins do século XVIII é que iriam surgir os principais colégios como o *King's College* de Nova York, que deu origem à *Universidade de Colúmbia*.

O traço mais característico da *administração inglesa* nessas 13 colônias foi marcado pela *falta de influência controladora por parte da Coroa*, por esse motivo, todo domínio exclusivo que pretendia partir do exterior era barrado no interior. O único traço de união era a Coroa, mas *nunca o Parlamento Britânico*, tendo em vista que os homens livres da América Inglesa sempre procuraram tomar parte ativa na legislação que os afetasse, era o “obedeço mas não cumpro”, que se generalizaria também pela América Espanhola.

Se politicamente essas colônias gozavam de autonomia, o mesmo não acontecia no âmbito econômico. Os ingleses haviam adotado para com elas um *sistema de monopólio*, semelhante, em muitos pontos, ao português e espanhol. As colônias inglesas eram *simples mercados da metrópole*, seus produtos não podiam ser exportados senão para a Inglaterra e em navios ingleses; por outro lado, só os produtos manufaturados ingleses podiam entrar nessas colônias. Tendo em vista este último quesito, os colonos não podiam alimentar uma indústria que viesse a concorrer com a da Inglaterra.

A diferença, porém, encontrava-se no setor da *cobrança de impostos*, estes, nas Américas Espanhola e Portuguesa, eram de *taxação bem definida*. Na América Inglesa, *a taxaço de impostos era regulamentada pelo Parlamento*, como os colonos não consideravam como seu o Parlamento Britânico, conseguiram aos poucos fazer prevalecer o princípio de que os im-

postos não poderiam ser criados sem que para isso houvesse o consentimento dos representantes eleitos nas assembleias americanas. Assim, quando o Parlamento Britânico passou, a partir de 1651, a promulgar leis regulamentando certos aspectos da vida econômica das colônias, os colonos não tomaram conhecimento daquelas que lhes eram desfavoráveis. Afrouxando sempre, a negligência salutar da Inglaterra fez com que, até 1763, a metrópole não pudesse formular uma política econômica consistente para suas colônias.

Os ingleses da metrópole vinham arcando, assim, com os mais pesados impostos para manterem a Inglaterra em guerras, em geral com a França, a sua rival no continente europeu e americano.

Em 1763, pela *Paz de Paris*, considerada pelos franceses como a “Paz Vergonhosa”, a França perdia o seu império colonial para a Inglaterra. Na América, além do Canadá, *obtinham os ingleses todo o território interiorizado entre os Apalaches e o Mississipi*. Os territórios ingleses na América do Norte *dobravam em área*, e para liquidar toda e qualquer pretensão das 13 colônias, a região foi *destinada ao uso exclusivo dos índios*. Embora a proclamação real nesse sentido jamais tenha sido respeitada pelos colonos, que entraram em luta aberta contra os índios, a medida foi recebida com indignação, pois procurava cercear-lhes os mais elementares direitos de ocupar e utilizar as terras das quais necessitavam no Oeste.

Por outro lado, a Paz de Paris de 1763, embora aumentasse os territórios coloniais ingleses, traria para a Inglaterra novos ônus. Para fazer frente aos gastos de guerra e administrar os novos territórios, o Parlamento Britânico achou por bem implantar nova política financeira. A *Lei do Açúcar* (1764), ainda que modesta, estabelecia novas taxas sobre a importação do melado das Antilhas, para a fabricação do rum; para controlar a cobrança das taxas, navios de guerra ingleses receberam a incumbência de confiscar os contrabandos, contra a lei se levantaram os colonos acostumados ao não pagamento dessas taxas, afirmando que, mesmo sendo modestas, elas iriam arruinar-lhes a fabricação do rum. Seguiu-lhe a *Lei de Alojamentos* (1765) que, para a defesa do continente americano, exigia que as colônias oferecessem alojamentos e suprimentos às tropas reais. E, finalmente, a *Lei do Selo* (1765): através de um selo cobravam-se impostos sobre jornais, cartazes, panfletos e documentos legais que circulassem nas

colônias. Esta lei, em especial, levantou a hostilidade geral, pois afetava a todas as colônias. Daí ter sido considerada nula, enquanto a multidão procurava destruir os chamados "odientos selos". Para por um fim ao conflito a metrópole recuou e suspendeu a Lei do Selo (1766).

Continuando com o seu Tesouro exaurido, em 1767, era chamado Charles Towshend para elaborar novo programa fiscal, que taxava, entre outros produtos, o *papel e o chá* que a Inglaterra exportava para as colônias. Para boicotar o programa fiscal de Towshend, os estudantes passaram a usar papéis fabricados nas colônias, enquanto a população abolia o hábito de tomar chá. O comércio inglês protestou contra o boicote, e para evitar agitações, foram enviadas tropas inglesas para as colônias. Generaliza-se a brincadeira de se atirar nos "casacas vermelhas", soldados reais, e num desses encontros três homens de Boston foram mortos. O incidente recebeu o nome de "*massacre de Boston*", sendo explorado nas colônias, obrigando a Inglaterra a cancelar todas as taxas Towshend, mantendo apenas a do chá. A situação pareceu acalmar-se, mas os colonos continuaram a não consumir o chá. A atitude prejudicava a Companhia das Índias Orientais, e como os holandeses tinham interesse em vender o produto, mesmo mais barato, intensificou-se o contrabando. Depois de 1770, esse comércio ilegal tornou-se tão florescente que grande quantidade do chá consumido nas 13 Colônias era importado sem pagar direitos. Tirando a concessão dos holandeses, o governo inglês enviou à Boston, por intermédio da Companhia das Índias Orientais Inglesa, três navios com carregamento de chá (1773); alguns colonos, disfaçados em índios, atacaram essas embarcações e lançaram ao mar 340 caixas de chá (16 de dezembro de 1773).

Diante do fato, Jorge III resolveu agir com autoridade, permitindo que o Parlamento votasse as chamadas *Leis Coercitivas ou Intoleráveis*: fechando o porto de Boston até que fosse efetuado o pagamento relativo à indenização do chá lançado ao mar; reformando a Constituição de Massachussets para reforçar o poder do governador; expulsando da América os responsáveis pelo atentado; e reaplicando a lei de Alojamentos que obrigava os particulares a alojar soldados não aquartelados.

Os habitantes de Boston, na colônia de Massachussets, conseguem a adesão das 12 outras colônias; seus representantes se reúnem no 1.º Con-

gresso de *Filadélfia* (1774), no qual redigem a *Declaração dos Direitos dos Colonos*. Pelo documento, consideravam-se os colonos com os mesmos direitos que os ingleses da metrópole, mas *não cogitavam romper com a mãe-pátria*. Temendo, por outro lado, reação da metrópole, começam os colonos a reunir armamentos na pequena cidade de Concord; para recolher essas armas, segue para Concord um destacamento inglês e, ante a resistência, alguns colonos morrem no encontro (1775).

Diante do fato, os colonos fizeram apelo ao Rei da Inglaterra, afirmando que jamais haviam tentado sublevar-se contra a metrópole em prol do separatismo. Rejeitando a petição, Jorge III enviou para a América contingentes de mercenários alemães. Sabendo que essas tropas se dirigiam para Boston, os colonos da Virgínia se revoltam, passando a atacar propriedades inglesas; a revolta se propaga e a *Virgínia foi a primeira colônia a proclamar a sua independência*, sob forma de república (junho de 1776).

O exemplo animou as demais colônias, que enviaram seus representantes ao 2.º Congresso de *Filadélfia* (1776). Discutiu-se, então, a idéia da separação, sendo por fim organizada uma *Comissão de Independência*, dirigida por Thomas Jefferson, Benjamin Franklin e John Adams. A 4 de julho de 1776 foi formulada a *Declaração de Independência* que, enumerando os abusos e usurpação da Inglaterra e constatando a impossibilidade de obter justiça do "Rei do Povo Inglês", declarava livres as Colônias-Estados, que também tinham "direito à liberdade, à vida e à felicidade".

A Inglaterra reagiu e a *guerra de independência dos Estados Unidos* teve duas fases. Na primeira (1776-78), os colonos lutaram praticamente sozinhos, contando apenas com a milícia de voluntários, os "Minute Men", sob o comando de George Washington; foi difícil e penosa, perdendo-se muitas vidas. Várias foram as causas deste fracasso: antes de tudo, a falta de união entre as próprias colônias, sempre ciosas de sua soberania e sem um comando central, pois contavam apenas com um Congresso em Filadélfia como meio de aproximação; a população, por sua vez, contava com uma massa indiferente e com um grupo partidário da Inglaterra, principalmente nas colônias do Centro; e, finalmente, a falta de recursos para a luta contra a metrópole.

Os colonos capitularam em Saratoga (1777), causando grande impressão no exterior e animando o rei de França, Luiz XVI a aliar-se aos

revoltosos (1778), que se desforrava assim do Tratado de Paris de 1773, a "Paz Vergonhosa", com a qual a Inglaterra lhe usurpara seu império colonial. Vencida, em 1783, a Inglaterra reconhecia, pelo *Tratado de Versalhes*, a independência dos Estados Unidos

Duas colônias haviam então se colocado à frente do movimento separatista — *Massachussets e Virginia* — uma ao norte e outra ao sul. Bostonianos e virginianos conservarão, pois, a *preeminência na União* até 1829, quando Andrew Jackson vai manifestar a *intervenção do Oeste*

Em 1783 os Estados Unidos formavam um território compreendido entre os Grandes Lagos, ao norte, o Mississipi a oeste e as possessões espanholas ao sul, desde Nova Orleans até a Flórida. A região interiorizada entre os Apalaches e o Mississipi, que formava a Nova França e parte da Luiziana, consistira na *primeira etapa da expansão para o Oeste*, promovida ainda pela Inglaterra, ao adquirir a área pelo Tratado de Paris, de 1763. Em 1803 compravam os Estados Unidos o restante do território interiorizado, a Luiziana, que continuara em poder dos franceses, em 1819, era a vez do enclave espanhol da Flórida que, também comprado, dotou os Estados Unidos de vasta área no golfo do México, levando-o conseqüentemente a *interessar-se pelo Caribe*.

Os primeiros imigrantes que se aventuraram rumo ao Oeste eram *caçadores* que abriam trilhas e iam conservando os índios à distância. Em seguida, o Oeste começa a ser invadido pelos *pioneiros*, em sua maior parte formados por famílias inteiras que saíam das antigas colônias do Sul, para fugir do predomínio dos antigos senhores rurais. Durante a presidência de James Polk, deu-se a *guerra entre os Estados Unidos e México* (1846-48), provocada pelo estabelecimento de plantadores de algodão estadunidenses no *Texas*, então território mexicano, vencidos estes, conseguiram os Estados Unidos, por anexação e cessão, chegarem até o Pacífico. Atingindo o *Oregon*, em pleno século XIX, transforma-se em país de costas paralelas em dois grandes oceanos — o Atlântico e o Pacífico. Era, pois, a concretização do período caracterizado em 1851 pelo jornalista Horace Greeley — "marchar para o este é crescer junto com o País"

Nas pradarias ocupadas pelos índios peles vermelhas os pioneiros desbravadores tiveram que enfrentar muitos perigos, os filmes de *far west* revivem essas guerras sangrentas com esses indígenas que, só muito depois, o governo conseguiu agrupar em deter-

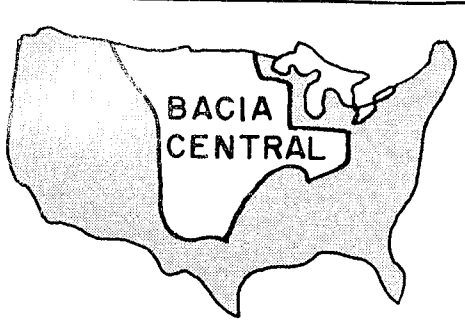
minados territórios hoje denominados "reservas". Assim, a fronteira jamais se constituiu no lugar indicado para o individualismo — "o conformismo e a cooperação do grupo eram ali essenciais à defesa, à construção de casas, à colheita e a uma infinidade de outras tarefas". As tarefas lhe consumiam todo o tempo e todas as energias durante anos a fio, deixando-lhe poucas ocasiões para as atividades culturais". ("Fronteiras" — Ray Allen Billington — em *Ensaio Comparativos sobre a História Americana* — organizado por C. Vann Woodward).

Era natural, porém, ao pioneiro, a vida em meio de tão grande abundância de riquezas naturais. A terra era barata, os fazendeiros esgotavam seus campos e mudavam-se, assim, diz-se que era costume a muitos velhos do Oeste dizerem a seus descendentes — "quando eu tinha a sua idade já havia estragado três fazendas". O escritor Charles Dickens que visitou o vale do Mississipi em meados do século XVIII caracterizou a população do Oeste como um grande exército humano em marcha, com sua vida dedicada a atingir postos avançados, deixando casa após casa para trás. Daí o hábito do desperdício se generalizar e chegar até os dias atuais, considerando-se os Estados Unidos como a terra do esbanjamento, onde até o lixo é o mais rico do mundo, recipientes de metal e de plástico, toalhas e lenços de papel são feitos para serem usados e jogados fora. Embora anedótica, é bem característica a história que se conta do texano que jogou fora o seu automóvel, porque o cinzeiro do mesmo necessitava de limpeza.

A *fronteira significava movimento*, e imigração é talvez a única palavra nova cuja adição à língua inglesa foi exigida pelas circunstâncias dos Estados Unidos. Mesmo quando as fronteiras se apagaram, continuaram os estadunidenses em marcha, daí Sarmiento haver dito, em 1847, que, se as trombetas do juízo final soassem de repente, surpreenderiam esse povo como formigas através das estradas. Afirma Ray Allen Billington que "sobretudo no Oeste, onde a tradição da fronteira ainda subsiste mais forte, a migração é quase uma compulsão; no norte da Califórnia, uma pessoa muda de residência todos os anos e, no tocante ao sul da Califórnia, a relação é de uma para duas". Conclui o citado autor que os estadunidenses vivem sobre rodas, assistindo a filmes de cinema e teatros *drive-in*, depositando dinheiro em bancos *drive-in*, comendo em restaurantes *drive-in* e dormindo em reboques que estão sempre em movimento.







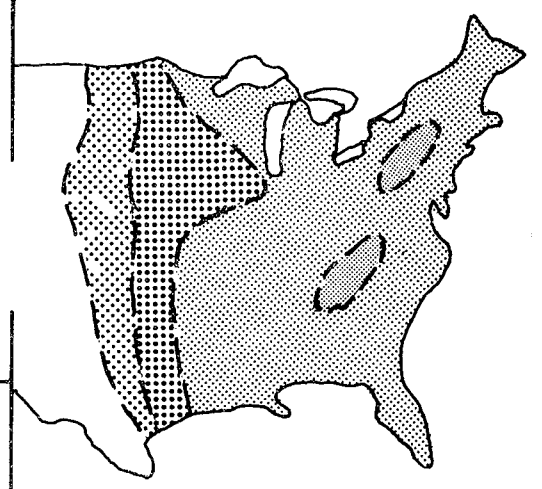
REGIÃO DAS GRANDES PLANÍCIES (BACIA CENTRAL)



BACIA CENTRAL

CLIMA

-  Seco Sub-Úmido
-  Sub-Úmido
-  Úmido
-  Super Úmido



Embora as características da fronteira tenham sido solapadas pela industrialização e pela urbanização dos Estados Unidos, seus vestígios ainda perduram. Everett S. Lee, demógrafo da Universidade de Pensilvânia, afirma que se encontra nos Estados Unidos a mais móvel das populações; em 1870, 24% da população residia em Estados nos quais não havia nascido; em 1960 essa cifra alcançou 29,6%. (“The Turner Thesis Re-examined” — *American Quarterly* — 1961).

Por sua vez, a *expansão territorial* dos Estados Unidos acentuaria ainda mais as diferenças que davam à sociedade de cada região a sua fisionomia particular. No Norte dominavam as grandes famílias enriquecidas pelo tráfico marítimo, sistema bancário e indústrias; os operários cada vez mais numerosos trabalhavam muito, mas recebiam salários elevados. Os costumes simples da gente do Norte contrastavam com a vida fácil e refinada dos sulistas, que mantinham os negros escravos como domésticos ou trabalhando de sol a sol nas plantações; os sulistas tinham o mais profundo desprezo pelos homens de negócios do Norte aos quais chamavam desdenhosamente de “*yankees*”, segundo uns, corruptela da palavra “inglês” no linguajar dos índios, para outros de Jankin (João), nome com o qual os holandeses de Nova York denominavam os colonos de Connecticut. No Oeste estabeleceu-se o tipo aventureiro, apaixonado pela liberdade e igualdade; rico ou pobre, apreciava-se apenas o valor pessoal do indivíduo através de suas realizações próprias (*self made man*). A despeito das diferenças entre o Sul e o Oeste, as populações destas regiões aos poucos foram se aproximando, tornando-se hostis às medidas favoráveis ao Norte industrial e banqueiro.

Beneficiados com grandes extensões de terras, os sulistas, aliados às populações do Oeste, *firmaram sua posição no governo*, acentuando-se ainda mais a rivalidade quando o Norte tornou-se *aboliconista*, para se opor ao Sul *escravagista*.

“De 1732 até 1754, os negros cativos, escreve David Brion Davis, representavam mais de 53% dos imigrantes que entraram na cidade de Nova York; em meados do século, eram propriedade de cerca de um décimo dos chefes de família da província e somavam 15% da população total... Por volta de 1860, depois de um longo período de ascensão dos preços dos escravos, quase a metade dos proprietários sulinos de escravos possuía menos de cinco negros cada um; 72% possuía menos de dez cada um e detinham em seu

poder, por alto, uma quarta parte de todos os escravos”. (“A Escravidão” — em *Ensaios Comparativos sobre a História Americana* — organizado por C. Vann Woodward). Nota-se, assim, que embora a *escravidão da lavoura* tenha predominado nos Estados Unidos, em 1860, em vésperas de estourar a *Guerra de Secessão*, havia meio milhão de escravos trabalhando em fábricas, na construção de ferrovias, como estivadores, madeireiros, em navios a vapor e inúmeros outros serviços sem conexão com a agricultura. Ao contrário do que acontecia no Brasil, nos Estados Unidos nunca houve tolerância alguma com relação a miscigenação racial; quando ela se realizava o mulato e o chamado *quarterão* eram ainda legalmente classificados como negros. Esse fato ocasionou o problema ainda existente do *racismo*, no país.

Vencido na guerra, o Sul foi reintegrado à União, a *escravidão* foi abolida e os ressentimentos recíprocos foram aos poucos desaparecendo. Abraão Lincoln procurou salvar, pois, o nacionalismo, preservando a União. “*Pluribus unum*”, a República dos Estados Unidos não havia conseguido saber, ainda, se era, em última análise, “*pluribus*” ou “*unum*”; a Guerra de Secessão fez com que o “*unum*” levasse a melhor, e a importância desse fato tornou-se visível na história mundial, em 1917 e 1941, quando a força de uma república norte-americana consolidada influenciou decisivamente em duas guerras mundiais”. (David M. Potter. — “A Guerra Civil” — em *Ensaios Comparativos sobre a História Americana* — organizado por C. Vann Woodward). A miscibilidade forjou logo, sem dúvida, a nacionalidade brasileira; o contrário, ocorrendo nos Estados Unidos, levou esse país a levar quase um século para resolver a questão.

6 — A Supremacia

As ambições políticas dos Estados Unidos seguiram em progressão paralela à sua ascensão econômica. A *Doutrina de Monroe* (1823) mostrou a tendência dos Estados Unidos a reservar para sua influência o continente americano.

Em 1835, Alexis Tocqueville, em seu livro *De la Démocratie en Amérique*, já previa a *disputa do poderio mundial* pelos russos e estadunidenses. Dizia então o seguinte: “Existem hoje sobre a Terra dois grandes povos que, partindo de pontos diferentes, parecem avançar para o mesmo objetivo: são eles os russos e anglo-americanos.

Ambos cresceram na penumbra e, enquanto a atenção dos homens se voltava para outros setores, colocaram-se repentinamente na primeira linha de nações. marcham folgadoamente e com rapidez numa estrada que ainda não deixa perceber o fim”.

Após *um período de preocupações internas* com a reconstrução dos governos estaduais sulinos, a remodelação do mecanismo dos negócios, e o crescimento econômico e social, os Estados Unidos voltaram as suas vistas para fora. Os mares protetores que os cercavam tinham se transformado em estradas para agressores. Assim, o *período de expansão para além mar* coincidiu com a onda mundial de anexações associadas aos Impérios Britânico, Francês e Alemão, bem como ao despertar do Japão.

Começaram por afastar os russos do continente, comprando-lhes o *território do Alaska* (1867); em 1898 lutaram contra a Espanha em favor da independência de Cuba, recebendo pelo Tratado de Paris a *ilha de Porto Rico*. Nas Antilhas, implantaram a sua supremacia: comprando as ilhas dinamarquesas (1917), estabelecendo o seu protetorado em Haiti e S. Domingos e construindo, finalmente, poderosa frota de guerra para a qual adqui-

riu e abriu o *canal do Panamá* (1914). No Pacífico, seus interesses datam de 1848, quando chegaram à Califórnia, obrigando, pouco depois, (1853), o Japão a abrir seus portos ao comércio. Para fortificar sua posição no Pacífico anexaram o *arquipélago do Havai* (1898), onde instalaram poderosa base naval. Colocando-se finalmente como defensores da China contra as ambições do Japão, entravam na Segunda Guerra Mundial em virtude do ataque japonês a Pearl Harbour, sua base no Havai

Após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos se lançaram, finalmente, na *política mundial*; a “Guerra Fria” exige seus compromissos para contrabalançar os da Rússia. Nestas condições, *os dois grandes blocos*, liderados pelos Estados Unidos e Rússia, cujo advento foi previsto em 1835 por Tocqueville, acham-se hoje dirigindo, de certo modo, os destinos da Terra; procuram para tal criar “*glacis*” *defensivos ou de segurança* já que se enfrentam em zonas de choque. Tornaram-se pois, os Estados Unidos, líderes de um grupo de países democráticos em oposição à Rússia que comanda o bloco comunista

(janeiro de 1975)